

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Jean-Luc Godard, Para Sempre
24 de Janeiro de 2023

DANS LE NOIR DU TEMPS / 2002

um filme de JEAN-LUC GODARD

Realização e Montagem: Jean-Luc Godard / **Argumento:** Anne-Marie Miéville / **Fotografia:** Julien Hirsch / **Som:** François Musy / Segmento do filme colectivo “Ten Minutes Older”.

Produção: Road Movies Filmproduktion, British Film Institute, Périphéria (Alemanha, Reino Unido, França, 2002) / **Produtor:** Nicolas McClintock / **Cópia:** 35mm, legendada electronicamente em português / **Duração:** 10 minutos / Primeira apresentação pública de **Ten Minutes Older: The Cello:** 3 de Setembro de 2002, Festival de Veneza / Primeira exibição na Cinemateca.

FILM SOCIALISME / 2010

Filme Socialismo

um filme de JEAN-LUC GODARD

Realização e Argumento: Jean-Luc Godard, com a participação de Jean-Paul Battaglia, Fabrice Aragno, Paul Grivas, François Musy, Renaud Musy, Gabriel Hafner, Louma Sanbar, Yousri Nasrallah, Anne-Marie Miéville / **Direcção de Fotografia:** Fabrice Aragno, Paul Grivas / **Música:** Betty Olivero, Arvo Pärt, Anouar Brahem, Tomasz Stańko, Alfred Schnittke, Paco Ibáñez, Bernd Alois Zimmermann, Giya Kancheli, Werner Pirchner, Ernst Busch, Thierry Machuel, Beethoven, Chet Baker / **Cantores/Autores das letras de canções:** Barbara, Gabriella Ferri, Joan Baez, Alain Bashung & Chloe Mons, Mina, Patti Smith / **Interpretação:** Catherine Tanvier, Christian Sinniger, Jean Marc Stehlé, Agatha Couture, Marie-Christine Bergier, Nadège Beausson-Diagne, Mathias Domahidy, Quentin Grosset, Olga Riazanova, Maurice Sarfati, Dominique Devals, Louma Sanbar, Gulliver Hecq, Marine Battaglia, Elizabeth Vitali, Eye Haidera, Patti Smith, Lenny Kaye, Alain Badiou, Bernard Maris, Elias Sanbar, Robert Maloubier.

Produção: Vega Film, Office Fédéral de la Culture, Télévision Suisse-Romande (TSR), Ville de Genève, Suissimage, Fonds Regio Films, Fondation Vaudoise, George Foundation / **Produtores:** Alain Sarde, Ruth Waldburger / **Direcção de Produção:** Jean-Paul Battaglia / **Cópia:** em DCP, cor, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 102 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 17 de Maio de 2010, Festival de Cannes / **Estreia Mundial:** 19 de Maio de 2010, França / **Estreia em Portugal:** 3 de Março de 2011, UCI Cinemas - El Corte Inglés / **Primeira exibição na Cinemateca:** 21 de Fevereiro de 2014.

Nota: **Dans Le Noir du Temps** e **Film Socialisme** são apresentados com **L'Origine du XXIème Siècle** (“folha” distribuída em separado).

“Quando olho o céu através das estrelas só vejo o que desapareceu.”

Em **Le Livre d’Image** (2018), última longa-metragem de Jean-Luc Godard, este cita Brecht para afirmar que a verdade reside no fragmento. Citamos de cor algo que nos ficou na memória como uma possível chave para o culminar de um vasto projecto de cinema (e de vida), que encontra um dos seus corolários nas **Histoire(s) du Cinéma**, mas que se espraia por inúmeros outros pequenos filmes como **Dans le Noir du Temps** e **L’Origine du XXIème Siècle**, que se revelam como um prolongamento desse território fértil de experimentação. Os procedimentos são comuns, e muitas das imagens e sons também, pois Godard trabalha incessantemente uma colagem e montagem de materiais das mais variadas proveniências, em que se acentuam ecos, as rimas e o desfasamento de duas histórias – a de um século e a do cinema –, e em que essas mesmas imagens, planos, frases, sons, músicas, transitam de filme para filme, de filmes de outros realizadores para os de Godard, e entre os próprios filmes de Godard, sendo objecto de constantes re-manipulações, transformações, tintagens, numa clara transformação do seu contexto de origem.

Dans Le Noir du Temps, na sua especificidade, apresenta-se como uma reflexão visual sobre o tempo. Episódio do filme colectivo “Ten Minutes Older. The Cello” revela a liberdade das premissas de tal encomenda feita a realizadores muito diferentes. Godard concentra-se nos últimos dez minutos de tudo, os últimos momentos da juventude, da coragem, do pensamento, da memória (dos campos de concentração), do amor, do silêncio, do medo, da eternidade, mas também do cinema. Um filme belíssimo e a várias vozes, sempre acompanhadas ao piano, em que Godard regressa a alguns dos seus trabalhos mais antigos (**Made in USA**, **Le Petit Soldat**, **Vivre sa Vie**) que monta com imagens do mundo.

“Toda a deslocação horizontal sobre uma superfície plana que não seja determinada pela física é uma afirmação, quer se trate da construção de um império, quer se trate do turismo”

Film Socialisme capta o verdadeiro espírito do presente e da transição do século XX para o XXI, reproduzindo a originalidade do movimento desenvolvido por Walter Benjamin muitos anos antes, quando o filósofo, no seu projecto do “*Livro das Passagens*”, propunha um retrato de “*Paris, Capital do Século XIX*”. Godard (que cita Benjamin no filme) partilha com esse seu monumental projecto literário, não apenas uma vontade de uma crónica de uma época presente, como todo um trabalho que lhe é habitual em torno da colagem e da citação. Efectivamente, grande parte da força de **Film Socialisme** reside no talento do realizador, manifesto no desenho de uma crónica do tempo presente, que faz de Godard o verdadeiro cineasta de um aqui e agora, tal como o vivemos.

Tendo chegado a ser anunciado como o último filme de Godard (o filme posterior a este, **Les Trois désastres**, curiosamente é já filmado em 3D), **Film Socialisme** poderá ser encarado como um projecto testamentário pelo modo como o realizador repete, mais uma vez, várias das “fórmulas godardianas” herdadas de muitos outros filmes. Às **Histoire(s) du Cinéma**, vai buscar várias das suas imagens, e muitas das suas conhecidas frases sucedem-se ao longo dos mais de cem minutos de filme.

Estruturando-se em três partes desiguais, a primeira, “Des choses comme ça”, corresponde

ao mar e a um gigantesco cruzeiro turístico que atravessa o Mediterrâneo. Metáfora do estado presente da Europa e da hegemonia do turismo de massas e do seu papel na organização do espaço planetário, este é um cenário kitsch por excelência que, na sua heterotopia, se aproxima da *Disneyland* (a aula de ginástica no barco, a missa). A violência espacial exercida pela colonização turística está bem expressa pelo enorme contraste entre o imponente barco e as muitas terras que visita: no Egipto, ou numa pequena povoação no Mediterrâneo, afirma-se obviamente como um colosso face à paisagem

Mas a contemporaneidade de **Film Socialisme** expressa-se também na confluência de imagens das mais diversas proveniências. As imagens digitais de grande qualidade, que nos oferecem sumptuosas vistas marítimas, somam-se imagens registadas com telemóveis e com todo o tipo de câmaras e máquinas fotográficas amadoras, ou imagens recolhidas na internet (o plano dos gatos), que continuam a garantir a Godard um lugar de vanguarda ao nível da experimentação tecnológica. O filme é fascinante no modo como articula todas estas imagens e os sons que as acompanham, cuja diversidade se manifesta não apenas no modo como são captados, mas também como são apresentados. À semelhança da imagem, o som é extremamente construído e simultaneamente muito rugoso, assumindo todas as suas habituais imperfeições (as interferências dos ruídos do vento nos microfones, as distorções da música de discoteca). Por outro lado, há toda uma pluralidade de ecrãs permanentemente ligados que aparecem num mesmo espaço (computadores, televisores, telemóveis), que é igualmente assombrado por uma multiplicidade de máquinas fotográficas de todos os tipos. No barco, todos fotografam ou filmam, numa apreensão do mundo que reduz toda a experiência a imagem. Ao filmar a pista de dança da discoteca com um telemóvel, Godard revela assim como o que se mostra tem tudo a ganhar com o modo como se mostra.

Sucedendo a uma poderosa primeira parte, a segunda parte de **Film Socialisme**, “Quo Vadis Europa”, centra-se na Garage Martin e numa família em que assistimos à revolta das crianças. Sequência que evoca alguns filmes mais antigos de Godard, como **France Tour Détour des Enfants**, dada a importância do universo infantil, a pequena escala deste meio familiar e o modo como é filmado. Uma curta terceira parte, “Nos humanités”, encerra o círculo ao apresentar-nos uma reflexão mais “directa” sobre a Europa e o mundo contemporâneo através de uma visita a um conjunto de locais descritos como “lugares míticos”, associados a verdadeiros e a falsos mitos: Egipto, Palestina, Odessa, Hellas, Nápoles e Barcelona. Parte que nos permite o regresso ao dispositivo das **Histoire(s) du Cinéma**, aqui retrabalhado. Mas a resposta a “Quo Vadis Europa?” parece estar na personagem que lê as *Illusions perdues*, de Balzac. Numa entrevista de 2010 em que perguntavam a Godard, “Outra vez política?”, este respondia, “Sim, uma vez que as democracias modernas, ao considerarem a política um domínio de pensamento à parte, estão predispostas ao totalitarismo”. E se esta afirmação fazia sentido em 2014 quando escrevemos este texto, parece fazer mais sentido hoje, quando, no início de 2023, olhamos para as imagens filmadas em Odessa, na Ucrânia, entre as imagens de outras guerras.

Como que premonitoriamente, parte de **Film Socialisme** foi rodado no “Costa Concórdia”, cruzeiro pouco tempo depois encalhado devido ao inusitado comportamento do seu comandante, que, entre muitas imputações, foi acusado de não ter sido o último a abandonar o barco. Mais uma vez a realidade suplanta a própria ficção. Ou, como refere a última frase inscrita a branco no cartão negro com que termina o filme, *No Comment*.